

Reflexões Teóricas sobre a Musicoterapia

Márcia Godinho C. de Souza¹

Recebi o honroso convite de participar desta mesa redonda² que buscará trazer e compartilhar algumas reflexões teóricas sobre a Musicoterapia, esta profissão que escolhemos para exercer.

Primeiramente tentarei traçar breves considerações sobre a palavra teoria, ou "Theoria".

Na Grécia antiga este termo possuía o significado de especulação ou vida contemplativa. Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, identificava a *theoria* com a beatitude. Enfim esta identificação torna a teoria oposta à prática. Seria então toda e qualquer atividade que tivesse por fim a contemplação.

Dando um salto histórico, Kant em seus estudos sobre teoria e prática, nos coloca duas conceituações que julgo importante atentarmos para uma compreensão da evolução do conceito sobre teoria:

³"...teoria é um conjunto de regras também práticas quando são pensadas como princípios gerais e se faz abstração de uma quantidade de condições que, porém, têm influência necessária sobre a sua aplicação. Inversamente, chama-se prática, não um ato qualquer, mas só o que atua um fim e é pensado em relação a princípios de conduta representados universalmente."

A partir deste pressuposto Kantiano, já podemos começar a reflexão teórica. Verificamos que para ele uma coisa está ligada à outra, a prática à teoria e vice-versa. Coloca-nos que a teoria deve ser pensada como *princípio geral*. Sabemos que a música é uma linguagem universal e dentro de seus parâmetros digamos sonoros, aqui englobando todos os aspectos e elementos que a constituem, possui em seu bojo a possibilidade de abarcar princípios que também são universais. Por exemplo, o mundo sonoro seja ele ontogênico (sons, ritmos, movimentos corporais, etc) ou filogênico (não-verbais, sons da natureza e tantos sons que vem seguindo, se transformando

1 Musicoterapeuta – Telefax:(021) 621-3658 – Tel: (021) 621-3076

2 Fórum de Musicoterapia promovido pela Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

3 Abbagnano Nicola. Dicionário de Filosofia. Pg 916

e evoluindo junto com a própria evolução da humanidade), vem carregado de informações desde as mais remotas até as mais atuais.

Em estudos recentes de Engenharia Genética já se verificam as possibilidades de se isolar informações no DNA cada vez mais específicas. Quem sabe este não é um dos caminhos para a pesquisa e futura formulação de fundamentos teórico científicos sobre o mundo sonoro e suas implicações? Quem sabe não poderemos fundamentar neste nível, que existem sistemas rítmicos microfísicos que se unem à padrões macrofísicos. Acredito que o estudo e o campo para reflexão teórica se torna cada vez mais amplo, e mais amplo se torna quando o profissional Musicoterapeuta está *atuando*, em movimento, em dinâmica, em constante busca desta teorização, acompanhando os estudos e descobertas gerais da ciência, como também fazendo ciência. Acredito também que a prática Musicoterápica é um dos locais mais profícuos para esta evolução teórica. Mas como o conhecimento científico é *provisório*, a cada dia se renova, (ontem mesmo vi a reportagem sobre um aparelho que em cinco minutos se poderá diagnosticar AIDS e Câncer como outros tipos de doenças), devemos estar flexíveis quanto às mudanças, avaliando, inferindo mas principalmente abertos para o novo conhecimento.

Quero aqui colocar que quando falo abertos para o novo conhecimento, acredito de antemão que os *princípios que regem e fundamentam a Musicoterapia enquanto profissão científica e terapêutica no estudo, pesquisa e tratamento de diversas problemáticas, esteja dentro de cada um de nós para que no momento de se descobrir novos caminhos ou atuar terapêuticamente, você Musicoterapeuta não duvide do potencial de tratamento da profissão que escolheu*. “Toda a prática, é teórica. O pensar e o fazer, são inseparáveis. Verifica-se necessário a meu ver, que o Musicoterapeuta não deva ter somente a teoria *que segundo William Batista,*¹ *sendo científica não é um acrescentamento interpretativo ao corpo da ciência, mas é o esqueleto desse corpo*”. Portanto, o preenchimento deste esqueleto dependerá das atuações individuais e de classe como musicoterapeuta, atuações interdisciplinares como agenciador de saúde, promovendo através de seu canal de conhecimentos e junto com os outros profissionais, movimentos e ações que beneficiem a sua atividade fim, que é o bem-estar e qualidade de vida, de ser do seu cliente.

Duhem já observava:² *“Uma teoria verdadeira não é a que dá, das aparências físicas, uma explicação conforme à realidade; é antes*

1 idem.

2 ibidem.

uma teoria que represente, em modo satisfatório, um conjunto de leis experimentais”.

Verifico que os princípios que fundamentam e regem a Musicoterapia, são bastante convincentes para que o Musicoterapeuta perceba que este esqueleto teórico é forte calcificado e pronto para ser estudado cada vez mais, ampliando a forma do terapeuta de pensar sobre a teorização de sua profissão.

Em Física, Bateson coloca que uma das coisas mais importantes no universo é o que ele chama de “*padrão que une*”. Acredita ele que nas relações é que se dá o padrão que une.

Em Musicoterapia, quando na ação terapêutica, verifico que muitas vezes tenho entre o cliente e eu um objeto intermediário, seja este um instrumento musical, um canto, um som. Mas a forma como me relaciono com este objeto, é que vai muitas vezes definir o como eu estabeleço a relação ou melhor, o como se estabelece a relação. Então, qual seria o padrão que une? Acredito que aí, na evolução teórica Musicoterápica, devem estar a priori no profissional Musicoterapeuta, fundada as bases na origem dos estudos sobre a música e o elemento sonoro e suas funções e relações com o humano, a humanidade, o universo. Este esqueleto teórico deve estar dentro de nós, como está o nosso próprio esqueleto, que sustenta o nosso corpo, a nossa massa corporal. Este esqueleto não está à mostra, mas fornece os movimentos e a harmonia necessária para que você comunique a que veio.

O corpo teórico então é a junção entre as bases que fundamentam a profissão, e a forma deste corpo dependerá dos profissionais que nela atuam.

Eu tenho este esqueleto teórico sobre a Musicoterapia dentro de mim, mas no momento da ação terapêutica devo transcendê-lo para estar em relação direta com o paciente. O objeto intermediário já não é mais um intermediário, porque a relação já se estabeleceu, encontrei o princípio de ISO; encontrei o padrão que une. O que se une não é por igualdade e sim por diferenças. A música pode ser de todos e para todos, mas a música enquanto terapêutica é pessoal e intransferível, no momento da ação terapêutica, ela é minha, me pertence, faz parte do meu psiquismo e traz meus conteúdos mais remotos e me faz relacioná-los infinitamente de forma cognitiva, cinestésica, sensorial, numa rede infinita tecida pela emoção, este lugar que ainda se estudará muito por este tempo, *o lugar da emoção*. Muitas vezes não consigo verbalizar mas quando a música alcança meus meios outros de comunicar de todas as formas já ditas anteriormente, já posso trazer elaborado situações onde a palavra

não alcança, e a elaboração vem também no verbal, pela linguagem e musicalidade das palavras, campo teórico-científico também profícuo para estudos.

Nosso cérebro é muito antigo, e nesta década dedicada ao cérebro, cabe também a nós Musicoterapeutas, iniciarmos ou darmos continuidade aos estudos que venham a colaborar com este esqueleto teórico da Musicoterapia. A música é muito antiga, como o nosso cérebro. Não devemos nos esquecer que as emoções se vivem mais do que se consegue dizer. A música possibilita esta travessia entre o racional e muitas vezes é ponte direta para o sistema límbico ou espaço das emoções mais arcaicas. A música é uma linguagem arcaica e nada melhor que uma linguagem que tenha fundamentos semelhantes para ser o objeto intermediário para se estabelecer relações que serão diferenciadas, dependentes do sujeito e suas experiências; enfim trazendo à tona um sistema, integrando sujeito consigo e com o outro através do canal sonoro-musica-emoção. Enfim, *“o padrão que une”*.

Assim, podemos dizer que a teoria ou as teorias, na busca da procedência de um fundamento repousa em um princípio e um início.

¹... Um início oferece a procedência e origem, um princípio funda e acompanha, desde a origem, o percurso do itinerário. E então todo o itinerário passa a ser inspirador e é seguido da sua origem e em seu percurso por um princípio que o anima. Se se perde o vigor desse princípio, percurso e itinerário entram em crise. Para depois recommençar em outros termos e na alusão a outro destino”.

...As teorias são necessárias e não são estáticas, estão em constante transformação como está o ser-humano.

Como diz Nietzsche: ²“É preciso a angústia de ser um caos para se gerar uma estrela”.

Friedrich Nietzsche

³*“Suave, a melodia que se ouve. Criadora, a música que não se ouve mas se escuta em toda a melodia”.*

Emmanuel Carneiro Leão

1 Livro: *Ética na Comunicação*. Editora Mauad – Rio de Janeiro, 1995. William Batista – *Ética e Contemporaneidade – Sujeito e Destruição do Destino*.

2 Epígrafe de Emmanuel Carneiro Leão em seu livro *“Existência e Psicanálise”*.

3 Livro: *Ética e Comunicação*. Editora Mauad – Rio de Janeiro – 1995. Emmanuel Carneiro Leão – *Ética e Comunicação*, Pg. 22.